

RITMO E MOTIVAÇÃO SONORA EM PROVÉRBIOS E FRASES FEITAS

Rogério CHOCIAY*

RESUMO: Este artigo focaliza provérbios e frases feitas em Língua Portuguesa, procurando demonstrar o caráter não apenas expressivo, mas também estruturador, que o ritmo e a motivação sonora exercem nessas formas simples de discurso.

UNITERMOS: Provérbio; ditado; frases feita; ritmo; motivação sonora; Língua Portuguesa; Métrica; Rítmica; versificação; verso.

Um dos aspectos que mais chamam a atenção de quem estuda provérbios e frases feitas em Língua Portuguesa é o do alto grau de elaboração a que chegam muitas dessas simples formas de discurso, particularmente no que diz respeito ao ritmo e ao arranjo das sonoridades. Um provérbio como o abaixo exemplificado (Mota, 9, p. 211) apresenta uma organização rítmico-melódica em dois movimentos silábico-acentuais simétricos,

*	*	*		*	*	*	*	*	
Quem	foi	mordido	de	cobra,	tem	medo	até	de	minhoca
1	2	3 4 5	6	7 8	1	2 3	4	5	6 7 8

cada qual com oito sílabas e idêntica disposição de intensidade na 1^a, 2^a, 4^a e 7^a sílabas (a intensidade da primeira sílaba é atenuada, na emissão, em virtude do predomínio da segunda). A simetria dessa organização é reforçada pela coincidência, no final de cada movimento, das vogais tônica e postônica: cObra/ minhOcA. Seria essa correspondência meramente acidental?

Se estivéssemos estudando versos, diríamos que o provérbio acima é constituído por dois redondilhos maiores de esquema acentual 2-4-7, com rima emparelhada, toante (porque se repetem apenas as vogais tônica e postônica dos segmentos terminais de cada verso.) Esta semelhança estrutural entre provérbios e poesia não é novi-

* Bolsista do CNPq (Proc. 301768/88-9) – Departamento de Letras Vernáculas – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP – 15055 – São José do Rio Preto – SP.

dade para os estudiosos: Leonardo Mota (9, p.401) afirma que o processo rítmico é uma das características formais relevantes dessas formas de expressão. Cascudo (4, p. 13-4) diz que os adágios apresentam “forma rítmica e, em sua maioria, com sete sílabas, mantendo a tradição da redondilha maior”. João Ribeiro (*apud* Mota, 9, p. 54) observa que muitas frases feitas e ditados “tem sete pés métricos”.

Tais características não são, evidentemente, privativas dos provérbios em Língua Portuguesa. Joles (5, p.140) observa que, além de esquemas retóricos comuns, os provérbios alemães realizam também “esquemas silábicos e rítmicos” comuns, além de evidenciarem como elementos estruturadores a rima e a aliteração.

De fato, uma leitura mesmo superficial de qualquer adagiário em Língua Portuguesa revela que a grande variedade de soluções formais é um dado ilusório. Por baixo do aparente caos das seqüências proverbiais de maior ou menor número de sílabas, fluem e refluem padrões silábicos e acentuais perfeitamente identificáveis (para não falar nos padrões sintáticos e retóricos que um estudo mais abrangente detectaria com grande facilidade). São freqüentes, por exemplo, em nosso idioma, os provérbios obedientes ao padrão que identificamos acima: duas seqüências de oito sílabas com acento constante na sétima e variável nas interiores, encerradas por rimas toantes (entre vogais), soantes (entre vogais e entre consoantes simultaneamente) ou mesmo sem rima, como se pode verificar nos três exemplares seguintes, colhidos com facilidade em diferentes adagiários:

Quem tem alforges e asno, quando quer vai ao mercado.
(Lamenza, 6, p. 234)

Quem nunca se aventurou, nunca perdeu nem ganhou.
(Braga, 3, p. 249)

Mulher e pau de porteira em toda a parte se encontra.
(Peixoto, 11, p. 61)

Essa identidade de padrões silábicos e acentuais não se limita aos redondilhos, mas percorre praticamente toda a extensão dos metros da poesia. Isso nos permite lançar mão do aparato terminológico e conceptual da Métrica e da Rítmica para tentar identificar níveis de organização e hierarquização de padrões dos provérbios, à semelhança dos níveis de organização formal detectáveis na poesia. Nesta linha metodológica, podemos começar a estabelecer uma verdadeira “métrica” proverbial, que começa com seqüências simples, correspondentes a versos, e chega a seqüências mais complexas, análogas a estrofes.

Correspondentes a versos são os provérbios que podemos denominar “unimembres”, ou seja, os que se realizam numa só seqüência silábico-acental. Descrevemo-los e designamo-los com base no padrão agudo de contagem, usual nos estudos de versificação portuguesa:

- a) trissílabo: “Dito e feito”. (Mota, 9, p. 108)
- b) tetrassílabo: “Do mal o menos”. (Mota, 9, p. 109)

- c) pentassílabo: “Língua não tem osso”. (Peixoto, 11, p. 59)
- d) hexassílabo: “Um gambá cheira outro”. (Mota, 9, p. 248)
- e) heptassílabo: “Cada qual no seu lugar”. (Peixoto, 11, p. 59)
- f) ocoassílabo: “Sombra de pau não mata cobra”. (Araujo, 2, p. 46)
- g) eneassílabo: “Rio torto se passa dez vezes”. (Mota, 9, p. 230)
- h) decassílabo: “Saco vazio não se põe em Pé. (Mota, 9, p. 232)
- i) decassílabo: “Tromba de porco não mata mosquito” (Mota, 9, p. 245)
- j) decassílabo: “Urubu pelado não voa em bando”. (Mota, 9, p. 249)
- l) hendecassílabo: “Jibóia não corre mas pega veado”. (Araujo, 2, p. 69)
- m) dodecassílabo: “Vaqueiro novo faz o gado desconfiado”. (Mota, 9, p. 251).

Note-se que todos os exemplos acima, colocados em ambiente poemático (poema metrificado) se enquadrariam sem qualquer problema. Neste sentido, vale reparar a variedade métrica dos provérbios decassílabos: o exemplo *h* é um perfeito “sáfico”, de esquema 1-4-8-10; o exemplo *i* apresenta esquema 1-4-7-10 e *j* o esquema 3-5-8-10, ambos típicos da poesia trovadoresca. O exemplar *l* realiza o esquema do verso hendecassílabo de arte maior, 2-5-8-11, muito apreciado pelos românticos brasileiros. Já o último provérbio realiza-se como um perfeito alexandrino clássico (dois hemistíquios hexassílabos).

Muito mais numerosos são os exemplos de provérbios “bimembres”, em que ambas as seqüências, marcadas ou não por rima, apresentam idêntico número de sílabas e, às vezes, a mesma distribuição acentual. No rol abaixo, para salientar a identidade estrutural entre os dois membros, escrevemo-los na disposição de versos:

- a) dissílabos: Mão branca,
mão manca. (Peixoto, 11, p. 60)
- b) trissílabos: Muita parra,
pouca uva. (Lima, 7, p. 285)
- c) tetrassílabos: Da mão à boca
se perde a sopa. (Lamenza, 6, p. 74)
- d) pentassílabos: De casa de gato
não sai farto o rato. (Lamenza, 6, p. 76)
- e) hexassílabos: Ao galgo mais lebreiro
foge a lebre em janeiro. (Araujo, 2, p. 55)
- f) heptassílabos: Não há cego que se veja,
nem torto que se conheça. (Lamenza, 6, p. 143)
- g) octossílabos: Quem faz filho em mulher alheia,
perde o filho e perde o feitio (Nascentes, 10, p. 130)
- h) eneassílabos: Mulher não casa com carrapato,
porque não sabe qual é o macho. (Peixoto, 11, p. 61)
- i) decassílabo: Se queres que o teu filho engorde e cresça,
lava-lhe o corpo e rapa-lhe a cabeça. (Lamenza, 6, p. 247)

Essa semelhança com os padrões de versificação, aliada ao fato de que muitos provérbios são mais antigos no idioma que as formas poemáticas mais elementares, demonstra que formas proverbiais e formas poemáticas bebem na mesma fonte e talvez até se tenham influenciado mutuamente ao longo do tempo. É notável, neste sentido, a existência de provérbios com a combinatória de seqüências silábicas e acentuais que lembram a montagem do antigo *verso de arte maior*, constituído segundo a fórmula 5+5, cujo primeiro hemistíquio podia ser indiferentemente agudo, grave ou esdrúxulo. Observe-se, a propósito, no exemplar abaixo, que o hemistíquio “Amor de mulher” é agudo, enquanto “Afagos são sempre” é grave:

Amor de mulher e festa de cão

Afagos são sempre pra bolsa ou pra mão. (Lamenza, 6, p. 35)

Embora a estruturação bimembre pareça predominante, os provérbios costumam apresentar-se também com três ou mais membros simétricos de diferentes padrões silábicos, constituindo verdadeiros tercetos e quadras:

a) terceto ABA em verso tetrassílabo:

Chamo-me Aleixo;
no mundo acho,
no mundo deixo. (Lamenza, 6, p. 54)

b) terceto ABA em verso pentassílabo:

Em tempo de guerra,
mentira por mar,
mentira por terra. (Lamenza, 6, p. 97)

c) quadra ABAB em versos pentassílabos:

Carrasco em matar;
alcaide em prender;
ladrão em furtar;
ganham de comer. (Lamenza, 6, p. 62)

d) quadra AABB em versos tetrassílabos:

Peru calado
ganha um cruzado;
peru falando
sai apanhando. (Peixoto, 11, p. 64)

e) quadra AABB em versos heptassílabos:

Se a lua for nova ou cheia,
preamar as três e meia;
se for crescente ou minguante,
de nove e meia em diante. (Peixoto, 11, p. 72)

Os provérbios não se realizam, todavia, apenas pela combinação de membros simétricos. Semelhantemente ao que ocorre na poesia, há provérbios constituídos de um verso “inteiro” com seu “quebrado”. A tradição versificatória considera “quebrados” estruturais do redondilho maior o trissílabo e o tetrassílabo, combinatório que encontramos em:

- a) 7/4: Quem tem burro e anda a pé
mais burro é. (Lima, 7, p. 287)
- b) 7/3: Para onde vai o cachorro,
vão as pulgas. (Mota, 9, p. 186)

Não é difícil encontrar exemplares que 8/4, ou seja, octossílabo e tetrasílabo:

Casa varrida e mesa posta
hóspede espera. (Lamenza, 6, p. 62)

Igualmente se encontram os arranjos 10/6 (decassílabo e tetrasílabo) e 12/6 (dodecassílabo e hexassílabo), como se pode observar, respectivamente:

Chora à boca fechada,
e não dê conta a quem te não dá nada. (Lamenza, 6, p. 65)

De boas intenções o inferno está calçado
e o céu de boas obras. (Mota, 9, p. 99)

Essa homeometria permite realizações mais complexas, verdadeiras estrofes como a seguinte combinação de tetrasílabos e hexassílabos:

Com arte e engano
vivo metade do ano;
e com engano a arte
a outra metade. (Lamenza, 6, p. 66)

Saindo do domínio da homeometria (correspondência estrutural entre inteiro e quebrado) para o da heterometria (arranjo livre entre versos de diferente extensão), encontramos igualmente nos provérbios rico material para estudo. No caso da poesia, somente em fins do Simbolismo e a partir do Modernismo ocorreu a conquista do verso livre, que assim ganhou foros de cidadania na Poética. Já no âmbito dos provérbios, a heterometria é tão antiga quanto a isometria e a homeometria. A exploração do efeito da desigualdade de uma sílaba entre os dois membros dos provérbios é processo dos mais comuns:

2/3 : Boi morto,
vaca é. (Peixoto, 11, p. 54)

3/4 : De madrasta
o nome abasta. (Peixoto, 11, p. 56)

5/4 : Enquanto eu correr
meu pai tem filho. (Peixoto, 11, p. 57)

6/5 : Em casa de ferreiro,
espeto de pau. (Lamenza, 6, p. 89)

7/6 : Doze galinhas e um galo
comem como um cavalo. (Lamenza, 6, p. 89)

- 8/7 : Em caso de necessidade,
casa a freira com o frade. (Lamenza, 6, p. 94)
- 8/10: Quem te mandou, urubu pelado,
meter-se no meio dos coroados. (Peixoto, 11, p. 68)

Diz Cavalcanti Proença (12, p. 71) que essa diferença de uma sílaba, responsável por um efeito típico no plano rítmico, é característica das adivinhas populares, o que reforça a impressão de que, também no plano dos provérbios, não se trate de fato aleatório. Dependendo do contorno melódico de cada membro do provérbio, a falta de uma sílaba pode passar despercebida ao ouvido, ou mesmo ser completamente compensada por outros fatores.

Aumentada a diferença de número de sílabas entre as seqüências que constituem os provérbios, produz-se a autêntica heterometria, com muitíssimos casos bastante semelhantes a seqüência de versos livres da poesia, como se pode observar no rol de exemplos abaixo:

Chuva de levante,
não deixa coisa constante. (Lamenza, 6, p. 65)

Coices d'égua
não fazem mal ao potro. (Lamenza, 6, p. 66)

Em janeiro,
um porco ao sol,
outro ao fumeiro. (Lamenza, 6, p. 96)

Pão de hoje,
carne de ontem
e vinho de outro verão
fazem o homem são. (Mota, 9, p. 185)

Para comer,
se convida uma vez;
para trabalhar,
se espera até chegar. (Mota, 9, p. 186)

Casa de terra,
cavalo de erva,
amigo de palavra,
tudo é nada. (Lamenza, 6, p. 62)

Quem tem abelhas,
ovelhas e moinhos
entrará com el-rei em desafio. (Araujo, 2, p. 10)

Porca com três meses,
três semanas,
três dias
e três horas,
bacorinho fora. (Araujo, 2, p. 10)

Deixando de lado o aspecto métrico e rítmico dos provérbios, cujas possibilidades de estudo esperamos ter demonstrado, podemos focalizar agora o trabalho de elaboração que tais formas sofrem no plano das sonoridades. Além da rima, que ajuda a sustentar a seqüência rítmica dos provérbios, estes freqüentemente apresentam arranjos peculiares de vogais e consoantes, não apenas com efeito meramente “orquestral”, mas também de motivação sonora ou, como dizem os manuais antigos, “harmonia imitativa”. Tal arranjo de sonoridade se observa também em outras formas de elaboração popular, como por exemplo nas frases feitas e locuções do idioma. Sirvam de exemplo as chamadas “locuções adverbiais”: além de evidenciarem organização e seleção no nível do ritmo (parecem ser muito freqüentes, senão predominantes, locuções adverbiais que realizam o esquema rítmico $_ _ / _ _ / _ _$, variante para $_ / _ _ _ / _ _$ ou para $_ _ _ / _ _$, como por exemplo *de vez em quando, de vez em vez, de quando em quando, de quando em vez, com mais tardar, de atravessado, de boa fé, de mãos beijadas, de ponto a ponto, horas e horas, num repelão, em derredor*), revelam freqüentemente arranjos expressivos no nível das sonoridades. São notáveis, neste sentido, exemplares que apresentam aliterações, coliterações, assonâncias, rima toante ou soante: *a par e passo, sem mais nem menos, às mil maravilhas, com a mão na massa, com fé formada, ao pé da porta, de cabo a rabo, de capa e espada, de caso raso, de ceca em meca* (Silva, 13). Tais processos atingem grande freqüência também nos outros domínios da fraseologia portuguesa: *macacos me mordam, bater as botas, apanhar com a boca na botija, não ter mas nem meio mas, lamber os beiços, custe o que custar, dedo de Deus, armado até os dentes, malhar em ferro frio, lançar luzes, etc.* (Nascentes, 10). A este respeito, Said Ali (1, p. 24-6) comenta o emprego da rima em frases feitas e demonstra que muitas vezes é a rima por si mesma, e não propriamente o sentido ou a função, que lhes serve de elemento gerador e estruturador. “Não ter eira nem beira”, segundo o estudioso, foi em certo tempo ampliada para “Não ter eira nem beira nem ramo de figueira”, por pura imposição de ritmo e rima, sem respaldo no plano do conteúdo. Na própria constituição original de algumas frases vê Said Ali o predomínio do formal sobre o funcional, como podemos perceber ao Tentarmos justificar, pelo sentido, frases do tipo: *correr seca e meca* (que é *seca?*), *misturar alhos com bugalhos* (?), *andar a trancos e barrancos* (?), etc.

Não é de espantar, portanto, que, largamente empregados como processos expressivos e estruturadores nos mais variados domínios da fraseologia popular, aliteração, coliteração, assonância e rima surjam nos provérbios com regular freqüência e elevado grau de elaboração. Num exemplar como

A agulha puxa a linha, a linha puxa a agulha (Lamenza, 6, p. 7)

já se percebe o requinte do acúmulo de procedimentos como a reiteração de vocábulos (cuja conseqüência são efeitos de aliteração e rima) e a reordenação em quiasmo, procedimento trivial na oratória e na poesia. Noutro provérbio muito conhecido,

Briga o mar com as pedras,
e quem paga são os mariscos.

apesar da heterometria e da ausência de rima, o predomínio de consoantes oclusivas e a linha coliterativa *b-m-p* sustentam ritmicamente a seqüência, ao mesmo tempo em que criam efeito imitativo. Noutro exemplar bastante conhecido – Cesteiro que faz um cesto, faz um cento – a insistência em consoantes fricativas *s-z-f* cria um reforço paralelo à insistência no processo descrito pelo provérbio.

O arranjo das sonoridades pode em alguns casos atingir requintes inesperados. Em

A afeição do falso é fio de navalha. (Lamenza, 6, p. 7)

a linha aliterativa de *f* e *s*, fechada por uma coliteração *f-v*, ultrapassa os limites da mera harmonia imitativa, para atingir a sinestesia (os sons fricativos *f-s-v* criam sugestões no plano táctil) e a cenestesia (expressão de sensações interiores; no caso do exemplar em pauta, por via da imagem do fio da navalha).

É, todavia, num provérbio dos mais conhecidos,

Água mole em pedra dura,
tanto bate até que fura. (Lamenza, 6, p. 32)

que se observa uma concentração extrema de processos, a começar pela simetria dos membros, correspondentes a dois redondilhos maiores perfeitos, com ritmo trocaico. Além da rima soante (*dura/fura*), que fecha o conjunto, verifica-se um oportuno arranjo entre a distribuição de consoantes oclusivas, que predominam maciçamente ao longo dos dois alinhamentos, e a de constritivas que surgem no final:

Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura.

g m p d d t t b t t k

f r

É evidente o efeito imitativo do ritmo exclusivamente trocaico de ambos os segmentos do provérbio (A insistência com que cai a água), e surpreendente a sugestão no plano da sonoridade: as oclusivas predominam do início ao fim, fazendo paralelo à idéia de “bater” do plano semântico; havendo mudança neste, muda o arranjo das sonoridades, surgindo duas consoantes fricativas, capazes de veicular a sugestão pertinente. Com isto, o plano semântico e o plano rítmico-sonoro somam seus resultados para criar o alto poder sugestivo do provérbio.

*

* *

Os comentários feitos e os exemplos analisados até este momento deixam óbvia a relação existente entre os processos que levam à elaboração de verso e à de provérbios e frases feitas. Júlio Moreira (8, p. 321-2), em estudo sobre as denominações de provérbios, lembra a grande variedade de sinônimos: *provérbios, anexim, rifão, refrão, adágio, ditado, palavra, exemplo e verbo*. Ao longo do tempo, tais formas simples têm sido designadas com estes e talvez outros termos. O mais interessante, porém, é que a própria palavra *verso*, segundo o estudioso, chegou a ser empregada como sinônimo de provérbio, o que se patenteia em Gil Vicente, que escreve:

Diz um verso acostumado:
 “Quem quer fogo, busque a lenha”.

Estaria na raiz deste emprego antigo a consciência da estreita relação entre as duas formas de expressão?

Bem mais perto de nós, Amadeu Amaral, poeta neoparnasiano e estudioso de folclore, afirmou (*apud* Mota, 9, p.54) que “o provérbio, quando não é puro verso, é parente próximo deste, pelo ritmo e pela rima”. E André Joles (5, p. 141), vincando o parentesco, enfatiza uma diferença: “... o esquema rítmico não tem a mesma função nas formas artísticas e no provérbio; nas primeiras, é o elo que faz progredir a criação verbal, enquanto que no provérbio é o elo que encerra a Forma”. Nada mais conciso para esclarecer que os provérbios são formas simples, dotadas de unidade semântica e rítmica, em que a concentração de processos formais e expressivos é essencial.

Não é preciso dizer mais para demonstrar que existe toda uma *Poética* subjacente aos adagiários em Língua Portuguesa, e que é tarefa das mais promissoras tentar descrevê-las em seus múltiplos compartimentos. Parece ser esta, de fato, uma boa alternativa para a recuperação dos estudos sobre a matéria, que têm sido realizados costumeiramente com a mera intenção de recolher o arrolar, ou comparar com similares de outros idiomas.

CHOCIAY, R. Rhythm and sonorous motivation in proverbs and stock phrases. *Alfa*, São Paulo, v. 35, 55-64, 1991.

ABSTRACT: This paper focuses on proverbs and stock phrases in Portuguese, trying to show not only the expressive but also the structuring role which both rhythm and sonorous motivation play in these simple forms of discourse.

KEYWORDS: Proverb stock phrase; rhythm; sonorous motivation; Portuguese language; Metrics; Rhythmics; versification; verse.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALI, M. S. Rimas em frases feitas. In: *Meios de expressão e alterações semânticas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Simões, 1951.
2. ARAUJO, C. *Os bichos nos provérbios*. Rio de Janeiro: Ronega, 1950.
3. BRAGA, T. "Adagiário português". *Revista Lusitana*, Lisboa, v. 18, n. 3/4, p. 225-74, 1914.
4. CASCUDO, L. C. *Dicionário do folclore brasileiro*. Brasília: INL, 1972. 2 v.
5. JOLLES, A. *Formas simples*. Tít. original: *Einfache formen*. Trad. de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976.
6. LAMENZA, M. *Provérbios*. 3. ed. Rio de Janeiro: Briguiet, 1950.
7. LIMA, A. C. P. Tradições populares de Santo Tirso. *Revista Lusitana*, Lisboa, v. 28, n. 3/4; p. 282-337, 1914.
8. MOREIRA, J. "Designação dos provérbios". *Revista Lusitana*, Lisboa, v. 10, n. 3/4; p. 321-2, 1908.
9. MOTA, L. *Adagário brasileiro*. Fortaleza: UFC, 1982.
10. NASCENTES, A. *Tesouro da fraseologia brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1966.
11. PEIXOTO, A. Adágio brasileiros. In: *Miçangas*. Brasília: Ed. Catedra-MEC, 1977. p. 49-73.
12. PROENÇA, M. C. *Ritmo e poesia*. Rio de Janeiro: Simões, 1955.
13. SILVA, E. C. *Dicionário de locuções da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Bloch, 1975.